

2013
nº5

SABUCALE

A ARTE INCISA
DOS ÚLTIMOS
MILÉNIOS
PALEOLÍTICOS.
O MAGDALENESE
SUDDOCIDENTAL.

Desde os primeiros
passos do homem
moderno, há milhares
de anos, os seres
humanos têm
criado arte. No
Magdalenense,
esta arte é feita
de pedras e ossos
de animais, e é
esta arte que nos
permite conhecer
o mundo dos
homens de então.



Ficha técnica:

Sabucale

Revista Anual do Museu do Sabugal

Nº 5 – 2013

Preço: 6 Euros (IVA Incluído)

Tiragem: 500 exemplares

Diretora: Maria Delfina Gonçalves Marques Leal

Conselho de Redação: Carla Augusto, Marcos Osório, Jorge Torres

Propriedade e Edição: Sabugal+

Empresa Municipal de Gestão de Espaços Culturais,

Desportivos, Turísticos e de Lazer, E.M.

Museu e Auditório Municipal

Largo de S. Tiago

6320-447 Sabugal

www.museusabugal.net

contacto@museusabugal.net / geral@sabugalmais.pt

Redação e administração:

Museu e Auditório Municipal

Largo de S. Tiago

6320-447 Sabugal

Impressão: Sersilito

Capa: Horácio Tomé Marques (Portas do Côa - Fóios)

ISSN: 1647-1229

Inscrita na ERC com o nº 125564

Depósito legal: 287843/09

ÍNDICE

- 5 *Editorial*
- 7 *Portas do Côa: reinventar a interpretação de uma herança milenar*
Horácio Tomé Marques
- 19 *O povoado calcolítico de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte, Sabugal):
apresentação de alguns dados sobre a intervenção arqueológica*
Paulo Jorge Lages Pernadas
- 59 *Notas sobre dois marcos miliários prismáticos, de Augusto (23 a. C.),
da região da Guarda*
Fernando Patrício Curado
- 75 *Pedras singulares: alguns achados arqueológicos enigmáticos do
concelho do Sabugal*
Marcos Osório
- 91 *Tabuleiros de jogo e outras gravações no castelo de Vilar Maior*
Lídia Fernandes, Marcos Osório
- 109 *Uma forma de registo e divulgação do nosso património histórico e
etnográfico: Notícias dos Forcalhos*
Jorge Torres
- 115 *Publicações recebidas por oferta ou permuta com a
Sabucale*
Carla Augusto

Portas do Côa: reinventar a interpretação de uma herança milenar

Horácio Tomé Marques (*)

Reflexão inicial

Muitos núcleos museológicos ou interpretativos de legado com essência arqueológica e histórica confinam-se à exposição e interpretação direta dos seus constituintes, muitas vezes baseada em conteúdos tão imensos que se tornam não uma solução mas um obstáculo de comunicação e informação. Pound dizia “Quanto menos sabemos, mais longas são as nossas explicações” (Pound, 1918). A síntese de conteúdos científicos não é fácil, mas comunicar através de longas explicações conota-nos, por vezes, como pouco sabedores sobre a assunto que estamos a discorrer.

No caso particular deste núcleo interpretativo, o discurso retórico longo seria ainda mais problemático no sentido em que o seu *focus* são imagens. Imagens que muitas vezes a ciência consegue desvendar o que denotam e conotam, mas que, outras vezes, contêm significados intrans-



Fig. g1 – **Namorados**. Vila Nova de Foz Côa, Castelo Melhor; Gravura(s) incisa(s) na rocha 1 (II/IIIº milénio a.C.), detalhe.

poníveis e impermeáveis a qualquer tipo de teorização. Muitas imagens não necessitam de um texto que as explique pois este corre o risco de se tornar um parasita delas e dos seus significados (Barthes, 1961).

São documentos e marcas de uma presença e de uma vivência sim, mas produto muitas vezes não de uma *mimesis*, de uma transposição gráfica literal do real vivenciado, mas sim do ensaio conceptual da imaginação humana. Esta é uma exposição onde as imagens são simultaneamente o seu próprio código, que se abre a uma descodificação a partir delas mesmas, que não tem de ser complexa, pelo menos implicitamente, mas que desafia e potencia a imaginação a qualquer um que a presencia.

Maxine diz que a arte estimula a imaginação e que a imaginação não só consegue trazer para a existência realidades “alternativas”, mas também que ela indica o futuro (Maxine, 2008). E este desafio à imaginação, através da arte, talvez seja a maior virtude desta exposição que se quer interpretativa de uma realidade histórica, passada, respondendo à necessidade de situação humana no mundo e na evolução através de objetos referentes (Alarcão, 2000), mas também explorativa da dimensão conceptual e capacidade de abstração, que tanto caracteriza a imaginação humana, que sempre esteve e está *a priori* da realidade *a posteriori*.

O projeto propunha-se à cabeça como um problema múltiplo:

- 1) Uma necessidade com um carácter ancorado no património arqueológico e histórico do Côa;
- 2) Um local óbvio, mas sofredor de interioridade;
- 3) Um espaço pré-existente com uma geometria pouco convencional e albergue de atividades conotadas com museografia — por exemplo, utensílios tradicionais;
- 4) Um *budget* bastante contido;

Mas estas questões proporcionaram um desafio interessante de ser ultrapassado. Por um lado o problema da própria conceção do núcleo interpretativo. Subscrevendo a ideia de que as exposições museológicas deixaram de ser vistas (ou devem deixar de) como simples depositórios de objetos e relíquias ou coisas velhas (Oliveira e Mello, 2010), estas carecem, mesmo assim, de renovação conceptual constante através de opções criativas e ousadas por forma a contrariar o desgaste natural que decorre da repetição do usufruto — simples observação ou mesmo fruição participada.

Mas também uma solução que ajudasse a contrariar a interioridade e o envelhecimento do tecido humano, derivado daquela realidade, despertando e captando a atenção de vários públicos, com bastante foco nos jovens, sendo também, em simultâneo, proposta que contribuísse para as políticas de envelhecimento ativo. Nesse sentido o projeto também beneficiaria por ser um pólo pedagógico, aberto a — e criador de — atividades, tanto de carácter pedagógico como lúdico (no sentido pedagógico), pois o

museu participativo ativo cria um *engagement* reforçado, permite experiências mais atraentes e com mais valor para todos (Simon, 2010).

Por outro lado a arquitetura e o design deveriam configurar um projeto que ultrapassasse os obstáculos do *site* em termos de estrutura e espaço de atividades pré-existente, mas também ultrapassar as limitações das verbas disponíveis para a sua conceção e produção, através de opções de baixo custo, mas eficazes.



Fig. pc1 - “Côa: reinventar a arte da nascente à foz”- uma vista geral da exposição.

Síntese e objetivos

O projeto *Portas do Côa*, no Centro Cívico Nascente do Côa, Freguesia de Fóios, Sabugal, é uma exposição que aporta dois títulos em simultâneo: “Côa: reinventar a arte da nascente à foz” e “Vale do Côa: o tempo da arte”. É composta por um conteúdo programático de natureza interpretativa e pedagógica dedicada ao legado humano espalhado ao longo do rio Côa, da nascente à foz, não numa perspetiva exclusivamente histórica ou arqueológica, mas sim—de forma determinante—artística e cultural. Estrutura-se num núcleo expositivo permanente em articulação com um espaço de serviços educativos. É constituída, fundamentalmente, por informação visual e textual impressa, mas apoiada por dispositivos e conteúdos multimédia.

Vários níveis de interesse

1. Promover e valorizar uma zona arqueológica, cultural e paisagística que assume uma importância estratégica tanto na região, como nacionalmente e internacionalmente;
2. Promover e permitir o estudo mais abrangente de um conjunto arqueológico com alta relevância científica, com características únicas, que o tornam num espaço adequado à interpretação da ocupação, por um largo período de tempo histórico, do território que o encerra;

3. Sublinhar a importância da complementaridade entre o patrimônio arqueológico e ambiental;

4. Ser, simultaneamente, um espaço museológico e pólo de investigação, com todas as especificidades que isso implica, mas também turístico e aberto;

5. Estar apto para a realização — e para o apoio — de atividades pedagógicas, mas também lúdicas para pessoas coletivas, sejam associações culturais, comunidades e agregações escolares, etc;

6. Potencializar nas pessoas locais e regionais, singulares e coletivas, a auto-estima, a fixação e o bem-estar, através do reconhecimento desta imensa herança com um valor patrimonial inigualável, com mais-valias com reflexo direto nelas mesmas;

7. Potencializar, num âmbito mais alargado, em todos os visitantes, o interesse pela freguesia e pelo concelho — i.e., contribuir para uma promoção turística forte e alargada.

Âncoras e constituintes da lógica projetual

A exposição permanente tem por objetivo responder e ilustrar (verbalmente e imageticamente), de uma forma abrangente, e suficientemente clarificadora, várias componentes relacionadas com a sua história geral e específica.

Nela substanciam-se não só um legado imenso de milhares de anos de ocupação e das suas características heterogêneas intimamente ligadas às múltiplas culturas protagonistas na ocupação e transformação, mas também nas histórias dos levantamentos, mais recentes na história, que tiveram este local por objeto de descobertas, observações e estudos aturados.

A abrangência objetivada, requereu uma estratégia expositiva que assentou em muitas elementos ilustrativos—e alguns objetos arqueológicos (réplicas)—, mas a exposição foi ponderada em torno da eficácia comunicativa. Uma articulação de elementos rica, mas maximizada naquele sentido, por forma a não colidir com os interesses do próprio patrimônio “exterior” e ao qual ela se refere. Isto é, não afastando os interessados e visitantes dos percursos e da riqueza exterior e da fruição desse patrimônio, mas sim potenciando um interesse global sobre esta herança que ocorre ao longo do Rio Côa.

O espaço de exposição onde estão instalados os elementos ilustrativos e informativos gráficos é estruturado numa sala com várias paredes com pé-direito de cerca de 3 metros, para uma área total expositiva de cerca de 70 metros quadrados.

É baseada em múltiplos painéis alguns recortados e colocados de forma desfasada e com inclinações diferentes, mas articulados de forma a consolidar uma sequência lógica expositiva, dinâmica e criativa.

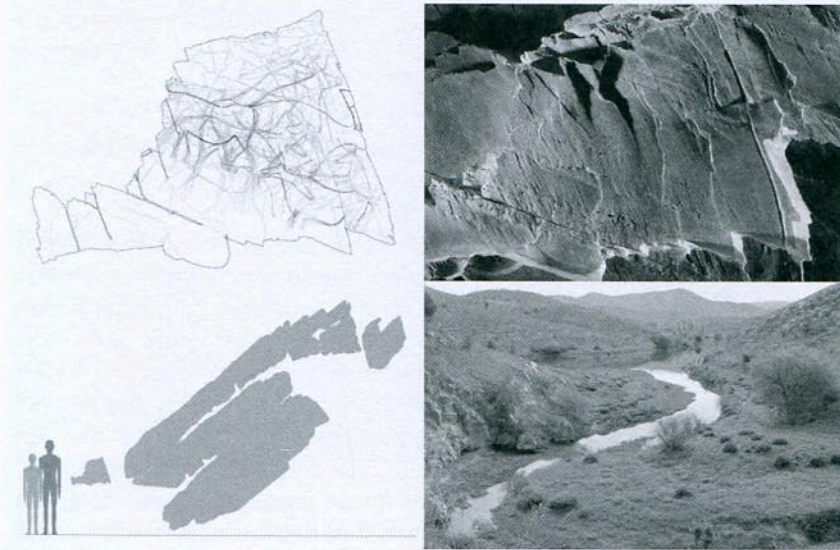
A colocação dos painéis é sequencial. Constitui, parte desta, uma espécie de cronologia, com elementos formais que a caracterizam nesse sentido, como se de páginas de um livro se tratasse — gigante, neste caso!;

Pretendeu-se, durante a concepção do projeto, que nestas “páginas” fossem construídas “narrativas” com carácter visual vincado, ilustradas com fotografias, desenhos técnicos, esboços, ilustrações, diagramas, etc., apoiadas por textos, ora legendas curtas e concisas, ora textos mais extensos.

Todos os conteúdos têm uma essência científica. Tendo esse aspeto como premissa fundamental, a sua forma foi depurada e sintetizada com o objetivo de o tornar legível e acessível aos mais variados públicos.

Em termos de orientação programática o conceito assenta numa espécie de cronologias/percursos interrelacionadas que “explicam” as Gravuras do Côa, mas numa perspetiva não tanto de orientação arqueológica, mas sim artística, tornando-se este fator, aliás, o mais explorado visualmente, devido às características e à relevância das formas gráficas (incisões / gravuras) que constituem este legado, e que são, de facto, as principais protagonistas deste património tão extraordinário—e da Humanidade, por isso.

Como esta exposição é fortemente dedicada às gravuras, enquanto essência artística, uma das componentes mais importantes é, por isso



Figs. r1, r2, r3 e r4

(r1, r2, r3) Ribeira de Piscos, rocha 24.

a) Desenho técnico — original a cores, em multicamada — de interpretação arqueológica contemporânea das incisões pré-históricas (gravuras); b) Rocha 24 — estrutura lítica na qual as incisões ocorreram; c) Escala relacional que tem por objectivo ilustrar a diversidade de dimensões das gravuras e das rochas onde estas ocorrem — entre um jovem 12 anos com cerca de 1,45m de altura, um adulto 20 anos com cerca de 1,73m de altura e a estrutura lítica onde se inscrevem as gravuras representadas (neste caso a rocha 24 de Ribeira de Piscos, mas comparando-a com um núcleo de Canada do Inferno).

(r4) Paisagem de Ribeira de Piscos — albergue de um dos muitos núcleos de arte rupestre do vale do Côa onde se encontra a rocha 24.

mesmo, as gravuras. Os painéis recortados representam, na sua maioria, estes desenhos incisos nas estruturas líticas. Porque têm dimensões de uma grande variedade, e isso assume-se como um elemento importante da sua caracterização e entendimento, para uma melhor compreensão das várias dimensões recorreu-se a escalas proporcionais, que representam e relacionam um jovem, um adulto e a estrutura lítica onde se inscrevem as gravuras representadas.

Os painéis, na sua sequência expositiva (1)

1) A arte monumentaliza a paisagem

O Vale do Côa concentra num mesmo espaço geográfico o mais longo e persistente ciclo de arte rupestre da Europa.

Iniciado no Paleolítico superior, há cerca de 25.000 anos, aqui se guardam exemplos de manifestações artísticas dos períodos posteriores, com um segundo, denso e notável grupo de incisões durante a II^a Idade do Ferro. A tradição de gravar persiste até à atualidade, sendo o último período deste longo ciclo artístico caracterizado pelas gravações entre os séculos XVI e XX. Com motivações diferentes, com longos períodos de rutura, todas as gravuras e pinturas são o reflexo dos diferentes imaginários dos seus criadores, quase sempre exemplos simbólicos de ideologias e sacralidades dominantes.

2) Imagens de um mundo primordial - a fase antiga paleolítica

A arqueologia rupestre permitiu demonstrar que as origens arcaicas da Arte do Côa se alongam para lá de 25.000 anos.

As primeiras gravuras, com incisões simples, são rapidamente substituídas por picotagens em traço profundo, figurando os principais herbívoros que estanciavam no Côa: cavalos, auroques (bois selvagens atualmente extintos), cabras e cervídeos. O estilo destas figuras é muito padronizado, quase sempre de um naturalismo sintético, com representações em perfil absoluto e raramente ordenadas cenicamente. Curiosamente estas são as gravuras que ainda hoje melhor podem ser observadas devido à profundidade das gravações. Estes motivos concentram-se nas antigas praias do curso final do Côa, em zonas quase sempre muito perto do rio, e caracterizam-se pela procura intencional de determinados painéis onde as sucessivas gravuras se vão sobrepondo, criando por vezes densos palimpsestos, como nas rochas 1 do Fariseu, 1 da Quinta da Barca, 3 da Penascosa e 1 da Canada do Inferno. Este longo primeiro período da Arte do Côa é atribuível ao Gravetto-Solutrense.

3) A arte incisa dos últimos milénios paleolíticos. O magdalenense sudocidental.

Caídas em desuso as gravuras de traço profundo, os últimos milénios dos tempos glaciares são artisticamente caracterizados pela grande expansão

dos motivos incisos.

Gravam-se os mesmos animais, agora com uma maior abundância dos cervídeos, o que se explica também pela sua maior expansão fruto de um gradual reaquecimento climático. Os painéis podem agora ser historiadados com menos motivos que galgam as encostas e se espalham também pelos vales laterais do Côa, mas também do Douro. A Foz do Côa é o local com a maior concentração de painéis gravados com estas incisões, algumas hoje extremamente difíceis de identificar devido ao seu desgaste. Em muitas rochas há sobreposições destas gravuras por motivos da Idade do Ferro. Este segundo período da arte paleolítica é também caracterizado pelo aparecimento da Arte Móvel, pequenas placas com motivos incisos, estilisticamente menos naturalistas e mais sensoriais. A maioria destas placas têm sido encontradas em contexto arqueológico nas escavações do sítio do Fariseu, o que forneceu excelentes dados de cronologia relativa para os mesmos tipos de motivos figurados nas centenas de painéis do curso terminal do Côa.



Fig. pc2 - "Côa: reinventar a arte da nascente à foz"- detalhe de um dos painéis onde são visíveis soluções de design.

4) A grande mutação ecológica do pós-glaciar. a arte da pré-história recente e da idade do ferro.

Embora sem a densidade da arte paleolítica, o Vale do Côa guarda uma série de motivos que demonstram a persistência da ocupação humana na região.

Com os mesmos padrões técnicos e estilísticos da arte esquemático-simbólica ibérica, são agora mais abundantes os motivos pintados, nunca em grandes aglomerações, mas tão-só em pequenos abrigos ou

rochas isoladas em locais claramente pré-determinados. Mais evidente do que na arte paleolítica, esta é uma arte mais topográfica, perseguindo não a monumentalização de uma paisagem mas mais a sua sinalização (étnica, tribal, de caça). É também caracterizada pela maior abundância da temática antropomórfica, sendo agora o homem, mais que o animal, o centro da ação cénica.

Já na Idade do Ferro e de novo só com gravuras incisas, é aqui patente um elevado sentido cénico das representações em que o guerreiro, a pé ou a cavalo e quase sempre armado, é o motor da ação. Uma arte, que é o reflexo afinal das sociedades guerreiras e mais hierarquizadas (de carácter senhorial) que terão ocupado a região em particular durante a II.^a Idade do Ferro, até à conquista romana do território. A cena de luta entre dois guerreiros da rocha 1 da Vermelha ilustra bem o carácter destas ideologias guerreiras, cuja melhor fonte na literatura do mundo antigo é o Livro III da Geografia de Estrabão. Faltou-lhes o seu Homero, mas legaram-nos um precioso e ilustrado património nas suas singulares gravuras que tão abundantemente decoram as rochas da região da Foz do Côa.

5) Desenho de figuras animais

Detalhe de um desenho com figuras animais em Faia, na rocha 1 (CNART/ PAVC).

6) Estela de guerreiro dos Fóios

Laje de xisto da Idade do Bronze final (finais do II^o milénio a.C.).

Tem contorno irregular e está gravada na face principal. Ao centro figura um escudo redondo com quatro anéis concêntricos, com escotadura em V virada à esquerda, e pega retangular vertical. É encimada por uma lança virada à esquerda, quase na horizontal, tendo uma espada na parte inferior, horizontal e virada à direita. Desconhece-se o seu enquadramento arqueológico regional.

A estela foi encontrada soterrada, a pouca profundidade, no sítio das Eiras, tendo sido posteriormente reaproveitada numa casa da aldeia, onde foi descoberta por Fernando Curado, em 1986. Desconhece-se a sua proveniência original, tendo sido talvez trazida da serra do Homem de Pedra, c. de 3 quilómetros para norte. Do outro lado da serra, em Aldeia Velha, foi encontrada recentemente outra grande estela em granito, talvez relacionada com esta. Na região do Alto Côa são conhecidas 5 estelas deste tipo, sendo pois das regiões portuguesas com maior número deste tipo de monumentos.

A estela está exposta no Museu do Sabugal.

7) Desenho em Faia

Detalhe do lado esquerdo de um desenho de figuras humanas. Situado em Faia, na rocha 5 (CNART/ PAVC).

8) Desenho em Faia

Detalhe do lado direito de um desenho de figuras humanas. Situado em Faia, na rocha 5 (CNART/ PAVC).

9) Da nascente à foz, o rio Côa é uma janela aberta de um tempo humanizado.

A arte rupestre que guarda nas suas margens pontilhadas de xistos esgarçados é a temática do Museu do Côa, um edifício de uma contida monumentalidade, implantado no coração da paisagem telúrica que margina o abraço entre o Côa e o Douro.

10) Antropomorfo da Idade do Ferro, Vale da Casa. (CNART/ PAVC).

Painel com um Antropomorfo (figura humana) da Idade do Ferro, situado no Vale da Casa.

11) Figuras humanas do vale da casa, idade do ferro.

Este painel contém um grupo de Antropomorfos da Idade do Ferro, situados na rocha 10 no Vale da Casa (CNART/PAVC).

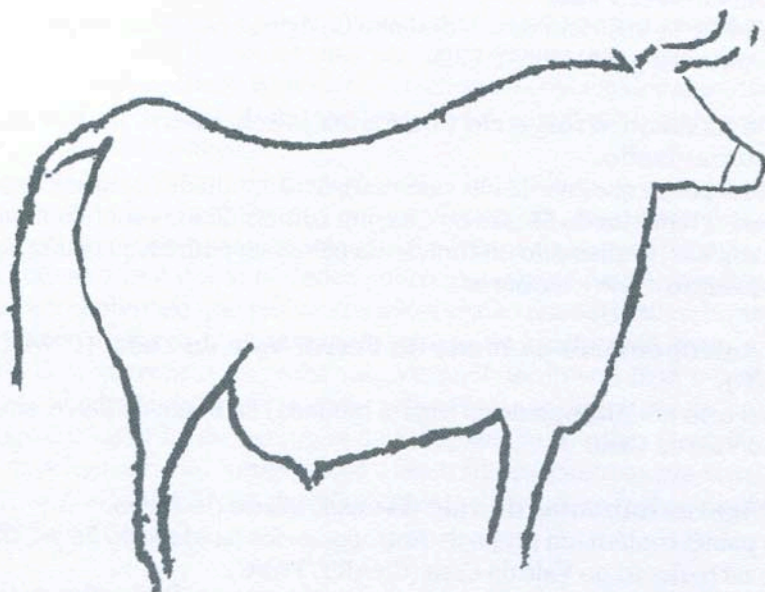
12, 13) Área de projeção multimédia

14) O touro está ligado ao imaginário do vale do Côa desde há milénios até ao presente.

Este painel é dedicado à figura do touro, enquanto habitante protagonista do vale do Côa que tem estabelecido, ao longo dos séculos, uma relação privilegiada com os humanos e, conseqüentemente, um imaginário nestes que o interpreta, documenta ou simplesmente conceptualiza através de propostas artísticas múltiplas e alternativas.



Representação do Auroque (espécie de touro/boi selvagem de grande porte extinto desde a idade média) encontrada em Ribeira de Piscos (2).



Representação do Auroque (espécie de touro/boi selvagem de grande porte extinto desde a idade média) encontrada no Fariseu.

15) Auroque de Vale de Cabrões (réplica)

Reprodução com base na gravura incisa (auroque) da rocha 32 de Vale de Cabrões, Vila Nova de Foz Côa, de autoria de Fernando Barbosa.



Fig. pc4 Réplica de um Auroque de Vale de Cabrões. Incisão contemporânea de autoria de F. Barbosa.

16) Auroque do Fariseu (réplica)

Reprodução com base na gravura (auroque) da rocha 1 do Fariseu, Vila Nova de Foz Côa, de autoria de Fernando Barbosa.

Ficha Técnica

Textos:

PAVC / Museu do Côa - António Martinho Baptista;
Município do Sabugal - Marcos Osório.

Fotografias:

CNART/PAVC, Museu do Côa - António Martinho Baptista,
Manuel Almeida, Mário Reis;
IGESPAR, IP - José Paulo Ruas;
CMS - João Paulo Cabral;
Pedro Guimarães;
Paulo Marcos.

Desenhos:

PAVC/Museu do Côa - António Martinho Baptista, Carla Magalhães, Fernando
Barbosa, Jorge Davide Sampaio,
Mário Reis e Rosa Jardim;
Mário Varela Gomes.

Multimédia:

Fundação Côa Parque (Parque Arqueológico/ Museu do Côa)
- Jorge Davide Sampaio, Rosa Jardim.

Design:

Interações do Futuro.

Conceção da exposição:

PAVC/Museu do Côa - Alexandra Cerveira Lima, Jorge Davide Sampaio, Rosa
Jardim;
Município do Sabugal – Paulo Marcos.

Coordenação da execução e montagem:

Fundação Côa Parque (Parque Arqueológico/ Museu do Côa)
- Jorge Davide Sampaio e Rosa Jardim;
Município do Sabugal - Paulo Marcos;
Interações do Futuro.

Organização:

Câmara Municipal do Sabugal

Colaboração:

Fundação Côa Parque (Parque Arqueológico/ Museu do Côa);
Junta de Freguesia de Foios.

Notas:

- (1) Os textos deste capítulo derivam, na sua grande maioria, do painéis expositivos e são da autoria António Martinho Baptista (PAVC / Museu do Côa) e Marcos Osório (Município do Sabugal). Há, contudo, rearticulação de alguns deles em situações onde a sua lógica não é aplicável a este género de publicações.
- (2) O Auroque europeu (*Bos p. primigenius*), onde se inclui o ibérico, é um dos progenitores remoto do gado bovino doméstico (VUURE, 2002 – alguns estudos recentes de herança genética indicam que este postulado não é consensual e carece de novas abordagens: BEJA-PEREIRA, 2006) mais commumente conhecido por boi (*Bos primigenius f. taurus*) ou touro, na versão não castrada. É um bovino extinto em 1627 (TIKHONOV, 2008). Era um animal de grandes dimensões e comportamento indócil e imprevisível. Linhagens mais dóceis teriam sido selecionadas pelas populações dando origem ao boi (PAOLO, 2010).

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge (2000) - *A Escrita Do Tempo E A Sua Verdade (Ensaio de epistemologia da Arqueologia)*. Coimbra: Quarteto.
- BARTHES, Roland (1961) - *The Photographic Message, Communications*, Paris, 1 (repr. in *Image Music Text*, 1977).
- BEJA-PEREIRA, Albano et al (2006) - *The origin of European cattle: Evidence from modern and ancient DNA*. Salt Lake City: Henry C. Harpending, University of Utah.
- GREENE, Maxine (2008) - *Countering Indifference – The Role of the Arts*. Nova Iorque: The Maxine Greene Center for Aesthetic Education and Social Imagination.
- OLIVEIRA, Maria; Mello, Ciema (2010) - Men change, and museums change, *Sociomuseology III- Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, vol. 37.
- PAOLO Ajmone-Marsan, et al (2010) - On the Origin of Cattle: How Aurochs Became Cattle and Colonized the World, *Evolutionary Anthropology*, 19:148–157. Wiley-Liss, Inc.
- POUND, Ezra (1918) - *Literary Essays*. Nova Iorque: New Directions Books.
- SIMON, Nina (2010) - *The participatory Museum*. Santa Cruz: Museum 2.0
- TIKHONOV, A. (2008) - *Bos primigenius*. In: *IUCN 2013. IUCN Red List of Threatened Species*. Version 2013.1. Online: www.iucnredlist.org.
- VUURE, T. van. (2002) - History, morphology and ecology of the Aurochs (*Bos primigenius*), *Lutra*, 45-1.

(*) Designer de comunicação, investigador em media digital.